HVMANITAS

[Recensão a] ALVES, Adalberto. Dicionário de arabismos da língua portuguesa

Autor(es): Head, Brian Franklin

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/38094>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_11

Accessed : 26-Apr-2023 14:09:41

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

**Vol. LXVII
2015**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ALVES, Adalberto. *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2013.

É de grande interesse o tema deste livro, sendo que os trabalhos sobre a influência do árabe na língua portuguesa datam pelo menos do séc. XVI. O presente *Dicionário* inclui muitas palavras com uma história interessante e de muita relevância para a história do léxico da língua portuguesa. Tal é o caso, por exemplo, de *náfego*, cujo étimo o Autor do *Dicionário* dá como uma forma árabe transcrita por *nahik* «debilitado» -- cavalo defeituoso devido a ter um quadril menor que o outro. Embora não incluído em muitos léxicos (-- não está abonado no *Dicionário* da Academia das Ciências de Lisboa de 2001, por exemplo), o termo é de grande vitalidade nalguns meios, tais como a linguagem popular rural: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* documenta, no tipo de linguagem estudado, tanto as respectivas variantes de forma (tipicamente com a queda da vogal pós-tónica da forma *náfego*, convertendo-a numa palavra com acento na penúltima sílaba, de acordo com o que é mais comum na língua), como a alternância semântica (com emprego tanto para referir animais, como para referir pessoas com o respectivo defeito), na carta 79, sobre «pessoa que tem uma perna mais curta que a outra».

São reconhecidos, em geral, alguns princípios básicos no estudo da etimologia, tais como: (1) a plausibilidade da mudança fonética implícita em qualquer proposta de étimo (de acordo com o que se conhece da fonética histórica da língua receptora), e (2) a plausibilidade da respectiva mudança semântica. Também se consideram importantes as informações históricas, geográficas e sociais relevantes, assim como o conhecimento do próprio objeto nos casos em que a respectiva palavra se refere a algo material. Encontra-se uma exposição desses princípios no capítulo sobre «Dicionários etimológicos», do livro *Introdução ao estudo da filologia da língua portuguesa* (v. esp. págs. 40-43), de Manuel de Paiva Boléo, antigo professor catedrático de filologia portuguesa na Universidade de Coimbra.

Tais princípios não são arbitrários, mas antes resultam de conhecimentos adquiridos através dos estudos filológicos e da linguística histórica ao longo

do exercício destes domínios das ciências da linguagem. Assim sendo, não deveriam ser rejeitados arbitrariamente.

Nota-se, porém, que para o Autor do livro a que se refere a presente resenha, os princípios acima referidos parecem ser de pouca importância. Efectivamente, ele rejeita explicitamente uma parte, enquanto simplesmente deixa de considerar outra.

No tocante à relação entre os significantes, rejeita a noção da regularidade das mudanças fonéticas, a qual constitui uma característica comprovada das línguas. Tal propriedade permite estabelecer as relações entre línguas afins e é o fundamento de duas técnicas básicas no estudo histórico dos idiomas: o método comparativo e a reconstrução interna.

No prefácio, o Autor afirma (p. 31):

Infelizmente, sobretudo no que respeita à linguística diacrónica, campeia, ainda hoje com muita vitalidade, um positivismo intolerante que persiste em transformar a disciplina numa «ciência exata», com normas inflexíveis na formação das palavras. Ora, tais regras, pela natureza das coisas, não devem ser vistas senão como tendências ou aproximativas, pois inúmeros e imprevisíveis fatores podem introduzir desvios à regra, motivando derivas, nomeadamente fonéticas, no processo formativo.

A este parágrafo, seguem-se alguns outros de especulação teórica, sendo todos de conteúdo contrário, em geral, aos conhecimentos comprovados no domínio das ciências da linguagem. Encontram-se também algumas observações desnecessárias e de pouca relevância, embora o Autor procure destacar delas uma suposta importância, tais como o conteúdo do seguinte parágrafo (p. 32):

Como, normalmente, não temos possibilidade de saber quem foi a primeira pessoa a inovar na introdução de um étimo numa outra língua, pode acontecer, e certamente, por vezes, terá acontecido, que esse étimo corrompido acabou por ser aquele que veio a vingar na língua recetora, acarretando um desempenho fonético «incorreto», com base num étimo que era à partida incorrupto.

Perante tal combinação de noções confusas e de fundamento duvidoso (ou nulo, além da mera especulação do Autor), o que se pode esperar do *Dicionário de arabismos*?

Há outros elementos de semelhante teor: o Autor evidencia, tanto no prefácio como no corpo da obra, uma nítida tendência a promover o reconhecimento da influência (suposta) do árabe às custas da aceitação da influência (conhecida) das línguas clássicas, o latim e o grego. Devem ser suficientes apenas alguns exemplos para exemplificar, por um lado, as falhas fundamentais nos métodos de tratamento etimológico, e por outro, a falta de objetividade do texto que procura valorizar o árabe às custas do latim e do grego.

Nalguns casos, por descuidar do aspecto fónico, simplesmente fornece uma palavra árabe de significado correspondente ao da palavra portuguesa, sem se preocupar da relação de entre os seus respectivos significantes; tal tratamento é insuficiente para estabelecer uma relação etimológica. Por exemplo, **ABÓBORA** (*al-gar'a...*), «id. sig.»...Segundo a hipótese comum, é do latim *apopores* (Isidoro XVII: 10, 25).

A rejeição do conceito da regularidade na mudança fónica leva o Autor a indicar correspondências diferentes no caso de uma mesma forma: (1) **MOFO** s.m., de... (*mâhûr*) «bordel» (c/ev. sem.)... cp. *Penamacor**, (2) **PENAMACOR** top... do antr. ...(*ben mâhûr*) «filho do bordel»; cp. *mofo**. Assim, no primeiro caso a forma árabe *mâhûr* terá mudado para *mofo*, enquanto no segundo para *macor*, de maneira que não seriam uniformes as correspondências entre as formas do significante do étimo árabe proposto e as formas em português.

Em outros casos, por descuidar do sentido, o Autor apresenta como étimos formas árabes (palavras ou frases) de significado bastante afastado do significado da palavra em português, e de relação duvidosa. **ABRIGAR-SE** (*al-barr l-garrâ*), «a terra dos generosos»; **ACABAR...** (*akbar*), «o maior»; **CARAMELO** (*karâma*) «liberdade», seguido pela pergunta: [o consumo de guloseimas é uma liberdade?]; **BODEGA** (*baḡḡiḥa*), «melancia de má qualidade». Como se vê, neste último caso, o Autor rejeita, em favor de um suposto étimo árabe, uma relação etimológica conhecida, com o verdadeiro étimo provindo das línguas clássicas, o grego e o latim: do grego ἀποθήκη (armazem), por via do latim *apotheca*. Trata-se de um derivado do grego θεκε «recipiente», da raiz indo-europeia *dhē «colocar, pôr», com a forma básica presente no antigo persa, do ramo indo-iraniano.

Outro exemplo da rejeição de uma etimologia clássica geralmente aceita (-- neste caso o latim *clamare*): **CLAMAR...** de... (*kalama...*) «dizer palavras»...

O Autor indica étimos árabes para muitas palavras para as quais o árabe serviu de *via de transmissão*, mas não de *origem*. Tal é o caso de abricote (e a variante abricó), cujo étimo dá como *al-barqûq*, embora seja conhecida a origem nas línguas clássicas, o grego πραικόκιον e o latim *præcoquum* ou *præcocia* «maduro antes do tempo», «temporão».

Por outro lado, o verbete seguinte constitui um caso em que o Autor dá vazão à imaginação: SACAR... de... (*xikâra*) «saco» [... tirar algo a alguém e depois meter no saco]...

Parece que qualquer suposto fator serve para a explicação semântica, mesma uma alusão «humorística»: PENICO... (*banâdiq*) «avelãs», «balas» [als. humorística às fezes?]...

Num bom número de casos, a etimologia proposta por Alves difere daquela que se conhece e que parece segura ou mesmo inquestionável. Por exemplo, em vez de um eufonismo do português *caralho* ou do espanhol *carajo*, propõe para a interjeição CARAMBA, (*karâma*) «milagre», sendo que o sentido de *milagre* está longe do sentido comum de *caramba*. Trata-se da mesma palavra árabe que o Autor propõe também como étimo de *caramelo*, mas em outro sentido. Uma hipótese mais plausível, mormente em face do sentido frequente, é eufemismo baseada numa palavra espanhola obscena (G. Viana, *Apost.* II: 259).

Para PUTA, (*bint*) «rapariga», embora a palavra *bint* seja uso geral em árabe sem o sentido especial (ou «marcado») de *prostituta*. Nota-se que, na documentação da linguagem popular, especialmente do meio rural (embora também do meio urbano), a forma *puta* ocorre com frequência, além de outras variantes da palavra base *prostituta* (por exemplo, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, na carta 108, regista algumas variantes da palavra *prostituta* nas localidades investigadas).

É falsa a hipótese de que o português *puta* provenha do árabe *bint*, visto que exige rejeitar o facto de *puta* ser variante da palavra *prostituta*, da qual é forma reduzida.

O Autor presta pouca atenção à questão da documentação, exceto nalguns escassos casos. A origem de SÁARA, topónimo do deserto do Norte da África, é dada como *saharâ* «deserto» (de acordo com a etimologia conhecido), mas uma forma da mesma raiz árabe é proposta como étimo de CEARÁ, nome de um estado do Nordeste do Brasil; qual será a documentação histórica comprovante? O Autor não a indica.

Nos poucos casos em que o Autor refere os dados históricos relevantes, baseia-se simplesmente em informações de outros, não em pesquisa própria.

Assim, **LADRA** top. (Feira da ..., Lisboa), de ... (*al-‘adra*), «a Virgem [Maria]». [J. P. Machado informa que existia, entre os séc. XII e XVIII, a Ermida de Santa Maria, na Mouraria, à volta da qual se realizava a feira; esta conservou o n. ár. ao transferir-se para o lg. onde hoje está estabelecida.] É mais simples a hipótese comum: fem. De *ladro*, variante do nominativo *latro*, do latim *latrone*.

Encontram-se no *Dicionário* várias etimologias conhecidas, propostas por especialistas e geralmente aceites; não há, porém, uma única etimologia *nova, proposta pelo Autor*, que seja digna de confiança. Abundam no volume falhas de método e falta de cuidado. (A respeito desta última característica, o Autor afirma, «Ao iniciar este longo trabalho de reflexão e investigação, tive sempre presente no meu espírito o juízo de Walter von der Wartburg»; a referência é ao grande romanista von Wartburg, cujo nome o Autor cita de forma errada!).

O Autor afirma que «a Civilização Islâmica... era, fora de dúvida, culturalmente muitíssimo mais sofisticada do que a dos rudes Roman-Visigodos da Hispânia» (p. 15) e alega o seguinte:

Foram criados... milhares de termos, quer no âmbito do léxico comum quer no da linguagem científica e filosófica, disfarçados de grego ou baixo-latim, mas que, afinal, não passavam de cultismos românicos artificialmente concebidos no intuito do apagamento da *mácula* árabe da língua dos vencedores cristãos. Todavia, quanto a tais palavras, em vão procuraremos a sua origem em Salústio, Cícero, Cícero, Virgílio, Homero ou Xenofonte...

Na verdade, esse léxico acabou por ser incluído *a martelo* nos dicionários de latim e grego e passou a ser tido, desde então, por original, sem que, daí para a frente, a sua etimologia, durante séculos, fosse minimamente questionada. (p. 17).

Assim, trata-se de uma obra declaradamente anti-classicista, com negação explícita, por vezes, da influência do latim e do grego.

Um exemplo de um étimo que o Autor dá por ser do árabe e que considera ter sido convertido numa forma latim, é referido no seguinte verbete: **SAUDAR** v. de... (*salâma*) «saudar, desejando a paz» [*salâm*, «paz», foi latinizada em *salutem*, tal como a expr. ár. *raddere as-salam* o foi em *raddere salutem*]... Ao contrário de tais afirmações, é comum considerar que o radical *salut-* do latim provém de **sol-*, a raiz indo-europeia que significa «inteiro» e que tem reflexos nos diversos ramos desta família de línguas.

Os que se dedicam às ciências da linguagem reconhecem que é um domínio em que prevalecem as hipóteses. Nalgumas áreas, raramente se encontram provas definitivas das hipóteses. Tal é o caso do estudo etimológico, em que é costume favorecer as hipóteses mais plausíveis. O presente *Dicionário* apresenta hipóteses, tanto que em vários casos o Autor dá duas ou três etimologias diferentes. Infelizmente, não raramente as etimologias que propõe não são plausíveis, nem pela forma nem pelo significado.

É uma vergonha que este livro tenha sido editado e é especialmente vergonhoso que a edição seja da prestigiosa Imprensa Nacional-Casa da Moeda – não por causa da atitude negativa do Autor em relação à influência das línguas clássicas, mas antes por causa do baixíssimo nível científico e informativo. Quem tenha recomendado a edição, não prestou bom serviço à cultura portuguesa: para promover o conhecimento da língua árabe e da sua contribuição ao léxico do português, não bastam o entusiasmo e as afirmações vazias.

BRIAN FRANKLIN HEAD¹

Emeritus professor, University of Albany

bfh122333@gmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_11

BAÑOS BAÑOS, J. M., Del Barrio Vega, M. F., Callejas Berdonés, M. T., López Fonseca, A. (eds.) (2014), *Philologia, Vniversitas, Vita. Trabajos en honor de Tomás González Rolán*. Madrid, Escolar y Mayo Editores S.L., Madrid, 902 p.

Uma homenagem nacional, por ocasião da sua jubilação, ao Professor Tomás González Rolán é esta obra que reúne contributos de oitenta autores de diferentes Universidades de Espanha, diria mesmo de todas, ou quase todas as Universidades de Espanha. A esta homenagem se associou, com a sua participação, a *Alma Mater Coninbricensis*, onde este notável filólogo complutense ficou conhecido não apenas pela sua obra modelar – reconhecida em todo o mundo das letras clássicas e neoclássicas latinas, medievais e pré-humanistas – mas também pela sua personalidade ímpar, que alia o fulgor da inteligência à simplicidade e doçura de trato. Ao longo de seis

¹ Brian Head foi professor de língua árabe clássica na Universidade de Coimbra nos primeiros anos da década de 60.